

À margem, cada vez mais

... Em menos de vinte anos perdemos muitos dos complexos que nos marginalizavam e passámos a ter uma voz audível e contemporânea. Alinhámos alguns mitos de importância, era fatal, mas enfrentámos um pesado carnaval de mitos do nosso próprio passado e não é por acaso que a literatura portuguesa deste momento faz da História e da discussão da nossa identidade o seu tema essencial.

Sobre isto de ser português muito se disse e muito ficou por dizer. Que somos porventura um sonho de nós mesmos (Bernardo Soares); ou uma consciência da insularidade (Hans Magnus Ezensberger); ou uma nostalgia latente (Botho Strauss), um cepticismo conformado (Sartre); muita coisa, muita coisa.

Mas dificilmente nalgum outro país, um Presidente da República poderia abrir, como aqui, o seu programa eleitoral com uma condenação do «unanimismo», ou seja, da delegação passiva do di-

reito de cidadania. Isso foi compreendido, mas logo depois negligenciado: como mostram as sondagens mais recentes, os portugueses não acreditam agora na sua capacidade de intervenção na coisa pública, apesar dos direitos democráticos que lhes assistem e das Altas Autoridades, Gabinetes de Qualidade de Vida e outras representações formais que dizem protegê-lo.

Trata-se de uma passividade tendencial bem visível numa sociedade em que a governação aponta para a autocracia e onde o Parlamento em círculo fechado e as instituições em fachada retórica desincentivam a capacidade de intervenção do cidadão corrente.

O abstencionismo não é apenas um simples luxo da ignorância mas uma resultante do menosprezo que o exercício político manifesta pelo país geral.



A MOSCA

José Cardoso Pires